

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

## O EGITO DESCRITO POR UM JUDEU DO SÉCULO XII

SILVA, Taís Nathanny da<sup>1</sup>

### Resumo:

Em 1173, Benjamin ben Ioná de Tudela, do reino espanhol de Navarra, escreveu um relato de suas viagens pelo Mediterrâneo até a Mesopotâmia, e sobre sua viagem de volta que supostamente o levou ao redor da Península Arábica e, via nordeste da África, para o Egito e para casa. Embora seu “Livro de Viagens” tenha sido tratado extensivamente, este artigo pretende esmiuçar sua descrição do Egito fatímida – de Aswan ao Delta do Nilo e Sinai; suas comunidades judaicas; conexões comerciais; e sítios e monumentos antigos – e avaliar seu possível valor como fonte para a história regional do Egito nos tempos medievais.

**Palavras-chave:** Egito, Benjamin de Tudela, Relato de viagem.

### 1. Introdução

O Itinerário de Benjamin ben Ioná de Tudela – do então Reino de Navarra, no nordeste da Espanha – é considerado um dos primeiros e mais importantes exemplos de diários de viagem judaicos<sup>2</sup>. Por consequência dos seus escritos, após sua estadia no nordeste da África e no Egito, Benjamin de Tudela foi recentemente citado no contexto da (pré) história da egiptologia.<sup>3</sup>

Pretendemos aqui apresentar e comentar a descrição dessa estadia de Benjamin no Egito como fonte histórica para estudos regionais do Egito e áreas vizinhas, a fim de prepará-la para o discurso da pesquisa egiptológica e interdisciplinar. Esse trecho do Itinerário ganha particular importância pelo fato do viajante ter visitado a região na fase final do domínio fatímida – um momento de grande agitação<sup>4</sup>, mas que apesar das adversidades ainda conta com a existência de alguns monumentos que haviam sido preservados e que não são, ou pelo menos não é de nosso conhecimento, citados em

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: [taisnathannydasilva@gmail.com](mailto:taisnathannydasilva@gmail.com). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

<sup>2</sup> PYKA, M. *Judaism in the World of the XII. Jahrhunderts und der Reisebericht (Sefar Massa'ôt) des Benjamin von Tudela*, in: F. Steger (Hrsg.), *Kultur. Ein Netz von Bedeutungen. Analysen zur symbolischen Kulturanthropologie*, Würzburg 2002, pp. 55–76

<sup>3</sup> THOMPSON, J. *Wonderful Things. A History of Egyptology I. From Antiquity to 1881*, Cairo 2015, pp. 53

<sup>4</sup> SANDERS, P. *The Fatimid State, 969–1171*, in CF Petry (Hrsg.), *The Cambridge History of Egypt I. Islamic Egypt, 640– 1517*, Cambridge 1998, pp. 151-174; H. Halm, *Kalifen und Assassinen. Ägypten und der Vordere Orient zur Zeit der ersten Kreuzzüge*, München 2014, pp. 223–308

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

relatos de viagens posteriores. Ademais, há a descrição das condições naturais e informações acerca do modo de vida dos habitantes do país no Nilo, o que pode ser de interesse para os egiptólogos.

É comum supor que o diário de viagem baseia-se em uma estadia no país, embora, como citado em trabalho anterior<sup>5</sup>, não se possa descartar que o autor não tenha visitado todos os lugares que ele mesmo descreve. Ressaltamos que no século XII alguns representantes da comunidade judaica de Tudela realizaram extensas viagens, o que, por um lado, torna plausível a afirmação de Benjamin e, por outro, pode-se também nomear possíveis fontes para a informação dada em seu Itinerário – Judah há-Levi (1075-1141)<sup>6</sup> parou no Cairo e em Alexandria a caminho da Terra Santa, assim como Abraão ibn Ezra (1092-1167)<sup>7</sup> teria viajado para o Egito<sup>8</sup>.

Mesmo que a duração e o percurso da viagem, ou a questão de quais lugares Benjamin visitou, ainda estejam sendo discutidos, há um amplo consenso de que o autor do Itinerário realmente visitou lugares no estrangeiro. No entanto, a descrição de sua estadia no Egito deu origem a sugestão de que o *Itinerário* não deveria ser visto como um relato de uma única viagem, mas como uma compilação de vários relatos de viagem, ou seja, “tudo aponta para o fato de que se trata de uma concepção consciente de um diário de viagem autocontido, no qual várias viagens foram reunidas como uma unidade” (PYKA, 2002 p.63). Nesse contexto, os argumentos cronológicos são citados como justificativa.

A descrição do domínio xiita dos fatímidas no Egito faz com que o 10 de setembro de 1171 (quando o califa sunita de Bagdá foi mencionado pela primeira vez nas orações da sexta-feira) apareça como o *terminus ante quem* para a viagem de retorno de Benjamin<sup>9</sup>. Ele não descreve como retorna diretamente à França, via Sicília e, de lá de volta a Navarra, no entanto, enquanto descrevia dando destaque aos judeus do Império Bizantino, ele deixou o ritual de assassinato em Blois, na França, em 1171,

<sup>5</sup> DA SILVA, Taís Nathanny. Uma peregrinação pelo Mediterrâneo em tempos de Cruzadas: o Itinerário de Benjamin ben Ioná de Tudela. Disponível em:

[https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eh2020/1600108229\\_ARQUIVO\\_7d2759407e057fa642ad41aa42463041.pdf](https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eh2020/1600108229_ARQUIVO_7d2759407e057fa642ad41aa42463041.pdf)

<sup>6</sup> SÁENZ-BADILLOS, A. sv Judah Halevi, em: Encyclopaedia Judaica 11, Detroit 22007, pp. 492–494.

<sup>7</sup> SIMON, U./JOSPE, R. sv Ibn Ezra, Abraham ben Meir, em: Encyclopaedia Judaica 9, Detroit 22007, p. 665

<sup>8</sup> Dizem que ambos viajaram juntos para o norte da África; A. Sáenz-Badillos, sv Judah Halevi, em: Encyclopaedia Judaica 11, Detroit 22007, S. 493

<sup>9</sup> ROTH, C. *Benjamin de Tudela: A Última Etapa*, em: Anuario di Studi Ebraici 1968/69, 1969, página 48, que considera possível a permanência de Benjamin no Egito até o final de setembro de 1171; por outro lado, M. Pyka, *Das Judentum*, página 61, nota 28, não considera isso compatível com a descrição de um domínio xiita ainda existente no Egito, que já teria entrado em colapso nessa época.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

completamente sem notícias – o que é muito surpreendente, visto que as notícias sobre isso se espalharam completamente nas comunidades judaicas da França até a Renânia<sup>10</sup>.

### 2. O Itinerário

O Itinerário remonta a um modelo manuscrito perdido, provavelmente do ano de 1173. Os manuscritos sobreviventes mais antigos são datados do século XIV. David Jacoby mostrou que o diário de viagem original sofreu pelo menos duas revisões editoriais<sup>11</sup>. Várias edições impressas surgiram a partir de 1543 e as traduções para as várias línguas europeias vieram um pouco mais tarde<sup>12</sup>.

O texto descreve a região mediterrânea e do Oriente Médio até a Mesopotâmia no final do século XII, do norte da Espanha via Languedoc, Provence, Itália, Bizâncio, Síria e Palestina, à Mesopotâmia – com menção da Pérsia e da Península Arábica, da África e do Egito – e via Sicília de volta à Espanha. É dada uma atenção especial às comunidades judaicas, aos seus hábitos e costumes, mas sobretudo à sua população e a relação com as comunidades religiosas nas quais estão envolvidas<sup>13</sup>, tendo como pontos focais e regionais a Terra Santa e a Mesopotâmia.

Pouco se sabe acerca do autor, as informações que temos vêm exclusivamente nos prefácios das edições impressas de seu Itinerário. A designação frequentemente usada como Rabino também deve ser utilizada com cautela, uma vez que suas descrições já foram classificadas como amplamente irrefletidas e sua expressão linguística como simples, sendo esta uma das razões pelas quais é atribuída, frequentemente, a profissão de comerciante à figura de Benjamin. A questão de sua profissão está diretamente ligada à sua motivação para escrever o Itinerário. Dessarte, há opiniões divergentes acerca disso, embora não se deva descartar que Benjamin perseguiu vários objetivos com suas viagens.

A tese de uma motivação econômica baseia-se no fato de que ele fornece detalhes das mercadorias produzidas e conexões comerciais das regiões que visita. No entanto, essas descrições são bastante gerais e muito inespecíficas para que seu relato seja considerado um “guia” prático para os comerciantes.

Outra tese alega que Benjamin tem uma motivação religiosa, segundo a qual ele queria realizar uma peregrinação aos locais tidos como sagrados para o judaísmo e que

<sup>10</sup> WEIGEL, B. *Ritual Murder Trial in Blois 1171*, em: W. Benz (Ed.), *Manual de Antissemitismo. Antissemitismo no passado e presente 4º eventos, decretos e controvérsias*, Berlim 2011, pp. 340-342.

<sup>11</sup> JACOBY, D. *Benjamin of Tudela and his "Book of Travels"*, in: K. Herbers/F. Schmieder (Hrsg.), *Venezia incrocio di culture. Percezioni di viaggiatori europei e non europei a confronto*, Roma 2008, S. 135–164, hier insbesondere pp. 140.

<sup>12</sup> Para uma visão geral: P. Borchardt, *Benjamin aus Tudela*, in: *Encyclopaedia Judaica. Das Judentum in Geschichte und Gegenwart IV*, Berlin 1929, Sp. 135–136; siehe auch M. Pyka, *Das Judentum*, pp. 57, 59

<sup>13</sup> DULSKA, A.-K. *Coexistência Abrahâmica no Oriente Médio do Século XII? Judeus entre cristãos e muçulmanos em um relato de viagem por um judeu navarro, Benjamin de Tudela*, em: *Journal of Beliefs and Values. Estudos em Religião e Educação* 38, 2017, pp. 1– 10

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

seu livro apresentaria uma espécie de “guia de peregrinação”. Marcus Pyka, por outro lado, argumenta que a descrição da Terra Santa no relato de Benjamin é comparativamente pequena (PYKA, 2002 p.69).

Uma terceira tese afirma que Benjamin – em uma suposta antecipação à posterior expulsão dos judeus da Península Ibérica (1492) – passou a explorar a possibilidade de exílio em comunidades judaicas fora da Espanha. De fato, há de se considerar o pano de fundo contemporâneo dos massacres da população Judaica da Renânia (*Gezerot Tatnu*) em 1096, durante a Primeira Cruzada, bem como a perseguição de intelectuais e a queima de livros iniciada no final do século XII na Andaluzia<sup>14</sup>. No reino de Navarra, porém, no tempo de Benjamin as comunidades judaicas gozavam de uma relativa prosperidade<sup>15</sup>.

Uma interpretação alternativa vê o Itinerário como uma tentativa – baseada em modelos árabes que descrevem a *Ummah* (comunidade de todos os muçulmanos) – de capturar a totalidade da diáspora judaica<sup>16</sup>. Dado que as informações de Benjamin acerca das comunidades judaicas e seu número de membros percorrem todo o relato, esta é provavelmente uma das explicações mais convincentes, o que de forma alguma exclui outras motivações.

Independente das possíveis motivações do autor, o Itinerário também fornece informações acerca dos sítios arqueológicos. Embora algumas descrições interessantes estejam disponíveis, em relação ao Egito, as análises sobre essa fonte concentraram-se mais na estadia de Benjamin em Constantinopla, no Oriente Próximo e em Roma<sup>17</sup>.

### 3. O Chifre da África, Núbia e áreas adjacentes no Egito

Depois de sua estadia na Mesopotâmia Benjamin continuou sua viagem através do nordeste da África. O ponto de desembarque foi provavelmente Aydhab. Segue-se então uma breve descrição das terras altas etíopes e das áreas adjacentes, contando ainda com o relato de uma população guerreira que havia se espalhado das montanhas para os reinos cristãos circundantes com roubo e pilhagem. Embora alguns comentaristas quisessem reconhecer uma menção precoce aos judeus etíopes, *Falasha ou Beta Israel*, essa (má) avaliação é mais provável que seja atribuída à forte dependência dos cristãos etíopes dos costumes e tradições judaicas<sup>18</sup>.

<sup>14</sup> HALM, H. *History of the Arab World*, Munich 42001, pp. 303

<sup>15</sup> LEROY, B. *Os judeus de Navarra na Idade Média tardia*, Hispania Judaica 4, Jerusalém 1985.

<sup>16</sup> Fauvelle-Aymar, Desperately Seeking the Jewish Kingdom of Ethiopia. Benjamin of Tudela and the Horn of Africa (Twelfth Century), in: *Speculum* 88.2, April 2013, pp. 385

<sup>17</sup> MORÈRE, N. *Antiquity in Benjamin of Tudela's Travel Narrative*. Interpretation and Meaning within the Context of the History of Travel, in: *Journal of Tourism History* 9.1, 2017, pp. 27–43.

<sup>18</sup> TEDESCHI, S. *L'Éthiopie dans l'itinéraire de Benjamin de Tudèle*, in: A. Gromyko (Hrsg.), *Proceedings of the Ninth International Congress of Ethiopian Studies*, Moscow, 26–29 August 1986, Moscow 1988, S. 212–213.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Portanto, é muito provável que as anotações de Benjamin sobre os habitantes dessa região não sejam baseadas em autópsias, mas principalmente ou inteiramente em descrições de informantes que ele entrevistou. Seguem-se descrições de Aswan e do Alto Egito, embora no Itinerário não esteja claro a partir das informações coletadas. É até concebível que ele também tenha descrito o oásis de Kharga como uma estação na rota de caravanas do *Darb el Arba'in* (estrada de quarenta [dias]). Além de etnônimos e topônimos, que ele toma emprestado do Gênesis<sup>19</sup>, Benjamin fornece descrições relativamente detalhadas de rotas comerciais e mercadorias até a África Ocidental e fornece informações acerca da população judaica em áreas individuais<sup>20</sup>. Eventualmente, ele atinge o suposto Pitom<sup>21</sup>, que ele localiza no Fayum, que, no entanto, provavelmente não pode ser equiparado ao oásis.

Sua menção explícita aos monumentos, segundo ele, "construídos por nossos pais" também não pode ser claramente atribuída a sua estadia. Portanto, não se pode descartar que Benjamin não tenha viajado por (todas) essas regiões, mas tenha vindo da Mesopotâmia via Palestina diretamente para o Cairo, cuja descrição subsequente contém detalhes de uma qualidade completamente diferente das descrições das regiões ao sul dela.

O país é montanhoso. Há muitos israelitas ali, e eles não se encontram sob o jugo dos gentios, as possuem cidades e castelos no cimo das montanhas, das quais eles descem ao país plano chamado Líbia, que é um império cristão. Esses são os líbios, com quem os judeus estão em guerra. Os judeus tomam despojo e botim e retiram-se para as montanhas, e homem nenhum consegue prevalecer contra eles. Muitos desses judeus da terra de Aden vieram da Pérsia e do Egito. (O ITINERÁRIO, 2017, p. 133)

### 3.1. Cairo e o fim do governo dos Fatímidas

Como afirmado no início, Benjamin descreve as condições no Egito medieval durante um período de convulsão. A dinastia fatímida renunciou à supremacia dos califas abássidas residentes em Bagdá e *professou o domínio xiita*. Em geral, o governo dos fatímidas foi caracterizado por uma maior tolerância religiosa: em geral, judeus e cristãos

---

<sup>19</sup> Os judeus do Egito sofreram um declínio e uma ruptura cultural com o helenismo para emergir nos tempos bizantinos como uma sociedade nacionalista, cuja língua oficial não era o grego, mas o hebraico. Os judeus provavelmente começaram a usar nomes hebraicos bíblicos para cidades egípcias durante este período.

<sup>20</sup> As figuras e vários nomes de lugares, alguns dos quais são difíceis ou impossíveis de entender, alimentaram dúvidas fundamentais sobre se Benjamin realmente visitou todos os lugares que ele mesmo mencionou.

<sup>21</sup> Segundo a narrativa de Êxodo 1-11, teria sido uma das cidades-celeiro construída para o Faraó no período de opressão e trabalho forçado dos israelitas.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

não precisavam usar nenhuma marca de identificação externa ou pagar impostos especiais. Eles poderiam até mesmo entrar em altos cargos administrativos e estaduais<sup>22</sup>.

Como resultado, as comunidades judaicas do Egito floresceram, refletindo a diversidade do judaísmo: Benjamin relata a presença de uma comunidade "babilônica" e "palestina" em Fustat, e nota ainda uma população judaica muito grande ali. Por outro lado, ele não menciona o grupo judaico dos caraítas, que também estava representado no Egito nessa época e que considera a tradição oral um desvio da revelação divina.

Essa Mitzraim é a grande cidade situada às margens do Nilo, que é Pison ou Al-Nil. O número de habitantes judeus é de cerca de sete mil. Existem lá duas grandes sinagogas, uma pertence aos homens da terra de Israel e uma pertence aos homens da terra da Babilônia. (O ITINERÁRIO, 2017, p. 135-136)

### 3.2. O Nilo, sua cheia e seu curso

Como muitos viajantes ao Egito, antes e depois dele, Benjamin dá atenção especial à enchente do Nilo. Ele parece ter ficado fascinado por todos os aspectos: medir os níveis de água, a extensão das inundações, a pesca e a preservação e exportação de peixes, as causas da enchente do Nilo, sua importância para a agricultura e as colheitas que poderia produzir e, finalmente, o curso dos braços do Nilo no Delta.

As pessoas perguntam: o que leva o Nilo a subir? Os egípcios dizem que rio acima, na terra de Al-Habasch (Abissínia), que é a terra de Havilah, cai muita chuva na época da cheia do rio, e que essa abundância de chuva faz com que o rio suba e cubra a superfície da terra. Se o rio não sobe, não há semeadura, e a fome aflige a terra. [...] depois de passar em seu fluxo pela cidade de Mitzraim, divide-se em quatro braços: um canal segue na direção de Damietta, que é Caftor, onde cai no mar. O segundo canal corre para a cidade de Reshid (Roseta), que fica perto de Alexandria, e lá desagua para o mar. O terceiro canal vai pelo cominho de Aschmin, onde desemborca no mar; e o quarto vai tão longe quanto a fronteira do Egito. (O ITINERÁRIO, 2017, p. 138)

O que nos chama a atenção aqui é que Benjamin como “viajante” deixa completamente de mencionar a função do Nilo como rota de tráfego e transporte, o que pode ser tomado como mais uma indicação de que ele próprio fez apenas algumas viagens para o interior.

---

<sup>22</sup> ADLER, Marcus Nathan. *The Itinerary of Benjamin of Tudela*. Londres: Oxford University Press, 1907.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Nas imediações da capital, Benjamin relata vários monumentos, cujas descrições, no entanto, nem sempre podem ser claramente atribuídas a sua estadia. A identificação de Memphis com o "Alt-Mizraim" mencionado por ele (O ITINERÁRIO, 2017, p.135) pode ser considerada relativamente certa. A afirmação de que “Celeiros de Iossef, de abençoada memória, ainda se encontram em grande número em muitos lugares. São construções de pedra e cal, e são extraordinariamente fortes” (O ITINERÁRIO, 2017, p. 139) supõe também que tais estruturas podem ser reconhecidas como pirâmides, embora não esteja totalmente claro se ele as conhecia por observação pessoal. No entanto, ele menciona que elas são construídas de “cal e pedra”, o que pode indicar que ele ainda podia ver restos de seu revestimento de calcário.

Ele também presta muita atenção a tudo que é judaico, descreve a sinagoga de Moisés em Memphis, menciona a terra de Gésen e registra as comunidades judaicas do Delta. Suas informações sobre o número de membros variam de cidade para cidade, o que indica que ele pelo menos tentou diferenciar e não utilizou números gerais. “Dali é meio dia de jornada até Ain-al-Schams, ou Ramsés, que está em ruínas. Podem ser vistos lá restos das construções que nossos antepassados ergueram, ou seja, torres feitas de tijolos” (O ITINERÁRIO, 2017, p.140). Suas descrições de restos estruturais da cidade de Ramsés (independentemente da exatidão de sua identificação) indicam que naquela época provavelmente havia muito mais arquitetura faraônica de adobe no Delta.

### 3.3. Alexandria e o Farol de Pharos

Alexandria, obviamente, representou um foco especial de interesse no Egito para Benjamin, mas é perceptível que ele não diz uma palavra sobre a história judaica da cidade e sua importante tradição religioso-filosófica. Em vez disso, ele oferece informações sobre a história da cidade e sua topografia e também menciona uma escola de Aristóteles.

As casas, os palácios e as muralhas são de excelente arquitetura. Fora da cidade fica a academia de Aristóteles, o professor de Alexandre. É um grande edifício, situado entre outras academias em número de vinte, com uma coluna de mármore entre cada uma. Pessoas de todo mundo estavam acostumadas a ir para lá a fim de estudar a sabedoria de Aristóteles, o filósofo. A cidade está edificada sobre uma depressão por meio de arcos. Alexandre a construiu com grande inteligência. As ruas são largas e retas, de modo que um homem pode olhar ao longo delas por uma milha de porta a porta, da porta Reschid à porta junto ao mar. (O ITINERÁRIO, 2017 p. 140)

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Pode-se, portanto, reconhecer nisso uma referência a Alexandria como um centro de aprendizado antigo. No entanto, a sugestão para a fundação do *Museion* por Demetrios von Phaleron, ou a famosa Biblioteca não são levadas em consideração. O filósofo judeu Philon aparentemente também não valeu a pena ser mencionado por Benjamin. Em vez disso, ele se limita a mais algumas informações de planejamento urbano.

No entanto, ele parece ter se interessado muito pelo farol de Pharos e, em particular, pela história de sua destruição parcial.

Alexandre também construiu para o ancoradouro de Alexandria um molhe, uma estrada real que corre para o meio do mar. E lá ele ergueu uma grande torre, um farol, denominado Manar al Iskandriyyah, em árabe. No topo da torre há um espelho de vidro. Qualquer navio que tente atacar ou molestar a cidade, vindo da Grécia ou dos países ocidentais, poderia ser visto por meio desse espelho de vidro a uma distância de vinte dias de jornada, e os habitantes (de Alexandria) poderiam destarte pôr-se em guarda. (O ITINERÁRIO, 2017 p. 141)

Como cidade portuária, Alexandria era, naturalmente, também e acima de tudo importante para Benjamin como ponto de transbordo para o tráfego internacional de mercadorias. Ele descreve em detalhes os contatos comerciais de longo alcance em todos os países possíveis. Possivelmente ele queria se distinguir como um geógrafo erudito que simplesmente "conhece" muitos países. Em contraste com o Alto Egito, ele não fornece informações sobre os bens comerciais, nem tampouco sobre instalações portuárias, armazéns ou transporte posterior. Menciona-se apenas a existência de albergues "nacionais" para comerciantes. Após uma breve descrição de uma antiga tumba real na costa, Benjamin lista outras cidades costeiras de forma superficial.

Assim como Benjamin anteriormente queria localizar a cidade de Pitom em Fayum e a cidade de Ramsés perto de Ain al Shams no Delta e ter visto os restos dos edifícios erguidos pelos israelitas, um lugar de descanso do Êxodo no Sinai também lhe oferece a referência geográfica. Após uma breve descrição dos mosteiros e igrejas cristãs ao redor do Monte Sinai, ele conclui seu diário de viagem para o Egito com uma menção a Tanis e sua Porto de partida Damietta.

#### 4. Considerações Finais

Tal como acontece com muitos relatos iniciais de viagens para e através do Egito, o relato de Benjamin de Tudela levanta dúvidas sobre se ele realmente visitou o país e, em caso afirmativo, qual parte dele ele mesmo visitou e em quais locais ele se baseou nas descrições dos locais citados em fontes ou relatos de autores anteriores. Obviamente, suas

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

expectativas foram determinadas pelas descrições da Bíblia hebraica e estas representam para ele um quadro de referência essencial. Em termos práticos, suas especificações de distância devem ser vistas com muita cautela. Mesmo que se suponha que ele conheceu a região do Delta do Nilo através de sua própria observação e de forma mais intensa do que, por exemplo, o Alto Egito, isso não significa automaticamente que se possa confiar mais em suas declarações dessa área. O uso de topônimos do Antigo Testamento e árabes e as identificações de locais antigos ou faraônicos com base neles às vezes são confusos e, provavelmente, em alguns casos, simplesmente errados.

Além disso, o foco particular de Benjamin em tudo o que é judaico (com a notável exceção de Alexandria) não resulta em dados totalmente utilizáveis. Embora as sinagogas sejam mencionadas por Benjamin, elas não são descritas como edifícios, nem são os restos de edifícios, que ele rastreia até seus “ancestrais”, ou seja, os israelitas durante sua permanência no Egito.

Mesmo que Benjamin possa listar conexões comerciais amplamente ramificadas com a África Ocidental, toda a região mediterrânea e o Oriente Próximo, ele não menciona os aspectos práticos da troca de mercadorias, especialmente o tipo de transporte, que deve ser particularmente perceptível em um diário de viagem, uma vez que ele mesmo - comerciante ou não - também deve ter tentado conseguir transporte. Neste contexto, a não menção do transporte marítimo no Nilo é particularmente marcante.

Se não estivermos cientes dessas restrições críticas às fontes, ainda poderemos obter uma certa quantidade de conhecimento do "Livro das Viagens" e isso permite - em conexão com outras fontes - também uma reconstrução provisória das condições, especialmente para os judeus, na fase final do governo fatímida no Egito.

A informação secundária é particularmente relevante arqueologicamente, por exemplo, a menção do revestimento de calcário das pirâmides ou a continuação da operação do farol em Alexandria. Os supostos legados estruturais dos israelitas, particularmente no Delta, são de algum interesse quando descritos como "torres de tijolo" por Benjamin. – na medida em que isso prova que no século XII ainda se conservavam numerosos sítios arqueológicos nesta região. A descrição de como o peixe era pescado e processado também demonstra a tradição ininterrupta de métodos desde os tempos faraônicos.

A avaliação do Itinerário de Benjamin nem sempre é fácil, às vezes frustrante, e requer um alto grau de crítica das fontes, mas essa descrição do Egito medieval judeu merece certa atenção, especialmente no contexto de uma história não mais exclusivamente "ocidental" de exploração deste território. Um diário de viagem de um judeu sefardita é especial porque, como espanhol, ele é certamente um representante de uma cultura e do conhecimento ocidental, mas como um judeu deve ser visto em vários

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

aspectos como um “mediador” especial entre o Oriente e o Ocidente, visto que ele também se concentra em tópicos que outros autores tendem a negligenciar.

Vistas dessa forma, algumas informações imprecisas ou incorretas do "Livro de Viagens" perdem o sentido e a descrição de Benjamin de Tudela chama a atenção para outras questões e problemas. No que diz respeito à sua posição no quadro de uma “pré-história” egiptológica, deve-se afirmar claramente que Benjamin mostrou pouco ou nenhum interesse pelos monumentos do Egito. Suas descrições parecem bastante superficiais ou “turísticas”.

Ele não faz referências ao Egito faraônico que vão além das descrições do Antigo Testamento. Ele está particularmente interessado na vida judaica no Egito. Ele também parece não estar familiarizado com o legado do helenismo, com suas influências egípcias, gregas e romanas. Referências clássicas-antigas – por exemplo, em sua descrição de Alexandria – referem-se mais a uma história mundial grega do que a uma história local greco-egípcia. Da mesma forma, os "antigos caracteres" que ele observa em uma tumba perto de Alexandria nem mesmo o levam a especular sobre seu significado ou o conteúdo das declarações.

De modo geral, o Itinerário de Benjamin de Tudela aparece principalmente como uma possível fonte acerca da situação no Egito fatímida, que também contém informações bastante relevantes para os monumentos. No entanto, este diário de viagem não deve ser classificado como parte de uma "pré-história" egiptológica, principalmente pela falta de reflexão histórica e/ou classificação das impressões obtidas. Porém, isso não deve de forma alguma menosprezar o exame do Itinerário, ao contrário, confirma o valor independente do campo de pesquisa dos primeiros relatos de viagem do Egito.

### Fontes

ADLER, Marcus Nathan. *The Itinerary of Benjamin of Tudela*. Londres: Oxford University Press, 1907.

BIBLÍA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2015.

GUINSBURG, J. (Org.). *O Itinerário de Benjamin de Tudela*. Tradução e notas de J. Guinsburg. SP: Perspectiva, 2017, pp. 133-145.

### Referências

SILVA, Taís Nathanny. Uma peregrinação pelo Mediterrâneo em tempos de Cruzadas: o Itinerário de Benjamin ben Ioná de Tudela. Disponível em:

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

[https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1600108229\\_ARQUIVO\\_7d2759407e057fa642ad41aa42463041.pdf](https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1600108229_ARQUIVO_7d2759407e057fa642ad41aa42463041.pdf)

DULSKA, A.-K. *Coexistência Abrahamítica no Oriente Médio do Século XII? Judeus entre cristãos e muçulmanos em um relato de viagem por um judeu navarro, Benjamin de Tudela*, em: *Journal of Beliefs and Values. Estudos em Religião e Educação* 38, 2017, pp. 1– 10

Fauvelle-Aymar, *Desperately Seeking the Jewish Kingdom of Ethiopia. Benjamin of Tudela and the Horn of Africa (Twelfth Century)*, in: *Speculum* 88.2, April 2013, pp. 385

HALM, H. *History of the Arab World*, Munich 42001, pp. 303

JACOBS, Martin. *From Lofty Caliphs to Uncivilized ‘Orientals’: Images of the Muslim in Medieval Jewish Travel Literature*. *Jewish Studies Quarterly*, v.18, n.7, p. 65-90, 2011. P.67.

LEROY, B. *Os judeus de Navarra na Idade Média tardia*, *Hispania Judaica* 4, Jerusalém 1985.

MORÈRE, N. *Antiquity in Benjamin of Tudela’s Travel Narrative. Interpretation and Meaning within the Context of the History of Travel*, in: *Journal of Tourism History* 9.1, 2017, pp. 27–43.

PYKA, M. *Judaism in the World of the XII. Jahrhunderts und der Reisebericht (Sefar Massa’ôt) des Benjamin von Tudela*, in: F. Steger (Hrsg.), *Kultur. Ein Netz von Bedeutungen. Analysen zur symbolischen Kulturanthropologie*, Würzburg 2002, pp. 55–76

ROTH, C. *Benjamin de Tudela: A Última Etapa*, em: *Anuario di Studi Ebraici* 1968/69, 1969, pp. 48.

SÁENZ-BADILLOS, A. *sv Judah Halevi*, em: *Encyclopaedia Judaica* 11, Detroit 22007, pp. 492–494.

SANDERS, P. *The Fatimid State, 969–1171*, in CF Petry (Hrsg.), *The Cambridge History of Egypt I. Islamic Egypt, 640– 1517*, Cambridge 1998, pp. 151-174; H. Halm, *Kalifen*

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

und Assassinen. Ägypten und der Vordere Orient zur Zeit der ersten Kreuzzüge, München 2014, pp. 223–308

SIMON, U./JOSPE, R. sv Ibn Esra, *Abraham ben Meir*, em: Encyclopaedia Judaica 9, Detroit 22007, p. 665

TEDESCHI, S. *L’Ethiopie dans l’itinéraire de Benjamin de Tudèle*, in: A. Gromyko (Hrsg.), Proceedings of the Ninth International Congress of Ethiopian Studies, Moscow, 26–29 August 1986, Moscow 1988, pp. 212–213.

THOMPSON, J. Wonderful Things. *A History of Egyptology I. From Antiquity to 1881*, Cairo 2015, pp. 53

WEIGEL, B. *Ritual Murder Trial in Blois 1171*, em: W. Benz (Ed.), Manual de Antissemitismo. Antissemitismo no passado e presente 4º eventos, decretos e controvérsias, Berlim 2011, pp. 340-342.